IV Congresso Internacional das **Licenciaturas** COINTER - PDVL 2017

RELAÇÃO HOMEM-NATUREZA: UM QUESTIONAMENTO FILOSÓFICO-AMBIENTAL

Apresentação: Pôster

Renata Xavier da Fonsêca¹; Thaysa Tomáz de Aquino Gomes²; Arilde Franco Alves³

Introdução

Na antiguidade, segundo os pré-socráticos, a natureza era considerada uma totalidade, ou seja, não havia separação entre o homem e o meio ambiente, sendo ele parte integrante deste meio (LIMA & CALILI, 2015). “A *physis* é a natureza tomada em sua totalidade, isto é, a natureza entendida como princípio e causa primordial da existência e das transformações das coisas naturais e entendida como o conjunto ordenado e organizado de todos os seres naturais ou físicos”. (CHAUI, 2005 *apud* ALBUQUERQUE p. 37, 2007).

Desta forma, o homem estava no mesmo nível que a natureza, sem haver um grau de “hierarquia” e diferença, que é tão visto nos dias atuais. O mesmo sente-se superior a natureza, apenas pelo fato ser bípede e denominar-se “racional”. É a partir deste ponto que o tão vangloriado *homo sapiens*, que surgiu no planeta Terra há cerca de 195 mil anos e se desenvolveu principalmente nos últimos 10 mil anos (Mendonça, 2005 *apud* Albuquerque, 2007), torna-se “superior” e essa ação faz com que ele desvalorize os recursos naturais e os demais seres vivos.

A natureza era vista como algo sagrado, intocável. Tal compreensão estava relacionada ao divino, como por exemplo, deus do mar, dos rios (LIMA & CALILI, 2015). “Como a madeira já estava se tornando escassa na Grécia Antiga (o território era muito seco e a extração era grande), ele recomendou que o Estado empregasse magistrados para cuidar das florestas. Muitas cidades-Estado gregas seguiram esse conselho e criaram leis para proteger as florestas e regular o uso da madeira, e se encarregaram do cumprimento efetivo dessas leis (Perlin, 1992 *apud* ALBUQUERQUE, 2007, p.40). À medida que o desmatamento avançava na Grécia, aumentava o número de ‘florestas

¹ Gestão Ambiental, Instituto Federal da Paraíba, renataxfonseca@gmail.com

² Controle Ambiental, Instituto Federal da Paraíba, thaysa.tomaz@hotmail.com

³ Doutor, Instituto Federal da Paraíba, francalves11@gmail.com

sagradas’.” (ALBUQUERQUE, 2007). É por isso que o meio ambiente era tão bem considerado nos tempos remotos, pois era visto como divindade. Atualmente, o mesmo é visto como uma fonte de matéria-prima para obtenção de capital.

Fundamentação Teórica

Já que a natureza não é mais povoada pelos deuses, ela já não possui mais alma, logo ela é um *objeto*, uma natureza *morta*, e por isso pode ser esquarterjada e explorada da forma que o homem bem cobiçar (GONÇALVES, 1989). Baseando-se nesta perspectiva, é deste modo que o homem contemporâneo relaciona ao meio ambiente. Ele o considera “sem vida”, sem alma, e sem nenhum tipo de sensibilidade, o mesmo procura uma foice e começa a cortar uma árvore, sem nem pensar duas vezes, principalmente se for para o seu próprio benefício. Por mais que seja difícil de aceitar, a maioria dos seres humanos possui o sentimento de egocentrismo, até mesmo em relação à natureza, tornando-a secundária, e como foi dito acima, utilizando-a como matéria-prima para seus próprios feitos.

No presente trabalho, será possível ver citações de Drew (1982) e Gonçalves (1989), para enriquecer o mesmo. Neste contexto, é possível visualizar esta relação desigual em diversos ângulos. Nos meios de comunicação ou até mesmo no dia a dia, é possível visualizar dezenas de pessoas descartando resíduos em ambientes inadequados, como em vias públicas, afluentes, terrenos abandonados, dentre outros. Desta forma, é preciso mobilizar-se para reverter este quadro, podendo solucionar ou amenizar o caso.

Metodologia

Com base em aulas, estudos de caso e leituras relacionadas, este artigo foi construído a partir de fragmentos de alguns autores que embasam a fundamentação teórica. Empiricamente, fizeram-se algumas cotidianas observações do comportamento das pessoas, a maiorias das quais ratificam as ações antrópicas descritas acima.

Acrescendo-se a este contexto metodológico, tais ações que vem sendo repetidamente divulgadas nos meios de comunicação, como contributo aos argumentos dessa nociva relação homem-natureza, que são extremamente danosos ao meio natural, um exemplo disso seria o desmatamento da Amazônia, que visa o lucro através da extração de matérias-primas de maneira

indevida, alterando todo o ecossistema, que outrora era praticamente intocado.

Resultados e Discussões

“A percepção que os povos antigos tinham do mundo era muito diferente da nossa: as pessoas não se viam como seres separados da natureza. Para eles, a natureza era viva e, portanto, sentia e reagia, como todo ser vivo. Algumas sociedades tribais atuais – como as indígenas – são testemunhas vivas da relação entre o homem e a natureza no período pré-histórico. Para o homem pré-histórico, ele e a natureza eram um só, e não poderiam separar-se um do outro. E assim continuou durante milênios. ” (ALBUQUERQUE, 2007).

Atualmente, o ser humano possui o hábito de enxergar o meio ao seu redor como objeto de submissão, sendo, portanto, o “proprietário”. Dessa forma, o mesmo devasta, agride e domina a natureza à sua maneira, sem se importar com os danos ambientais causados, a médio e longo prazo. Nessa ótica, Drew (1982) expõe que o homem modifica o ambiente para satisfazer a si próprio, ao invés de mudar seus atos, para assim, não mais danificar o meio. Nesse aspecto, podemos constatar que o homem não está disposto a adaptar-se, mas a adaptar, modificar, antropizar, em sua maioria, em busca de poder aquisitivo. Diferente da época pré-histórica, na qual o homem e a natureza conseguiam viver em plena harmonia, como enfatiza Mendonça (2005, p. 50): [eles] “não viviam sob a lógica da dominação, não erigiram grandes monumentos, nem castelos, nem desejaram deixar marcas de sua ‘grandiosidade’”.

Porém, nos dias atuais, ele busca, planeja e executa – de todas as maneiras – alterar o ambiente, cortando árvores – seja para fazer uma pequena fogueira, seja para fabricar móveis por meio de uma indústria em grande escala. Uma mudança mínima no espaço vivente pode gerar inúmeras variações (edafológicas, climáticas, hídricas, etc.). Por exemplo, o corte de uma única árvore pode eliminar uma ninhada de pássaros, ou alterar o ciclo dos ventos desta formação vegetal, interferindo em todo o ecossistema. Segundo Drew (1982, prefácio) “O próprio homem é que vem alterando o planeta, acidental e intencionalmente”.

O ambiente produz alimentos, matérias-primas e outros recursos naturais importantes (como a água), no entanto, o ser humano continua pensando apenas em si mesmo, sem se importar com os calamitosos resultados que pode produzir no próprio planeta. Para Drew, “O homem não é uma criatura racional, embora haja quem pense o contrário” (1983, p.1). Ele expõe esse pensamento

pelo fato do tão realçado *homo sapiens*⁴ agir de modo totalmente contrário a conduta que normalmente deveria seguir, sentindo-se no “topo”.

Se assim permanecer, o mundo, sem dúvidas, irá progredir em termos de desenvolvimento tecnológico, os quais irão facilitar ainda mais a vida da humanidade em diversos aspectos, no entanto, a natureza tem tendência a sofrer as consequências pelos “troféus” da humanidade. Pois, além de sofrer grandes impactos, a natureza ainda serve como alicerce à produção, fornecendo matérias-primas para a fabricação dos recursos e bens necessários para o homem gerar a tão desejada produção, e é claro, o capital. “Em seu livro “L’écologie et son histoire”, o historiador Jean-Marc Drouin cita Lynn White, pois afirma que é na Alta Idade Média onde encontramos os primeiros argumentos para justificar o domínio do homem sobre a natureza. Ele afirma que a mentalidade que futuramente permeou a Revolução Industrial, afirmando que a natureza é um recurso a ser explorado pelo homem, é muito anterior à criação das máquinas. ” (ALBUQUERQUE, 2007, p.42).

Conclusões

No decorrer da produção desse estudo, foi possível observar e realizar reflexões acerca das relações estabelecidas entre o homem e a natureza e como estas são levadas do ponto de vista dos impactos ambientais, contribuindo para uma efetiva sensibilização dos leitores desse trabalho. Tais impactos causam exorbitantes danos ao meio, no entanto, o quadro pode ser revertido de muitas maneiras, como a criação de palestras e *workshops* nos locais de trabalho, a introdução da educação ambiental, nos Ensinos Infantil, Fundamental e Médio, levando os estudantes a ter uma compreensão e contato próximo à natureza desde cedo, pois a educação é o caminho para a mudança, como diz Paulo Freire: “Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.”.

Referências

ALBUQUERQUE, B.P. **As relações entre o homem e a natureza e a crise sócio-ambiental**. Rio de Janeiro, RJ. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), 2007. Disponível em: <<http://www.epsjv.fiocruz.br/upload/monografia/13.pdf>> Acesso em: 06 nov. 2017.

⁴*Homo sapiens*: Humano, termo que deriva do latim "homem sábio", ser humano, ser pessoa, gente ou homem.

CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. Editora Ática. 13. Editora São Paulo, 2005.

DREW, D. **Processos interativos homem-meio ambiente**. 7. ed. Editora Bertrand Brasil, 2015.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Tradução de Moacir Gadotti e Lillian Lopes Martin, Rio do Janeiro, Paz e Terra, 1979.

GONÇALVES, C. W. P. **Os (des)caminhos do meio ambiente**. 15. Editora São Paulo: Editora Contexto, 2011.

LIMA, L. A., CALILI, S. A. **Uma análise evolutiva acerca da relação homem - natureza da antiguidade até a contemporaneidade**. Âmbito Jurídico, 2015. Disponível em: <http://ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=16016>. Acesso em: 10 out. 2017.

MENDONÇA, Rita. **Conservar e criar: natureza, cultura e complexidade**. Editora Senac São Paulo. São Paulo, 2005.